

## **CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ADOLESCENTES SOBRE A VIOLÊNCIA INTERPESSOAL**

**Lúcia Machado**

Mestre em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal  
[luciamgsm@sapo.pt](mailto:luciamgsm@sapo.pt)

**Ana Isabel Sani**

Professora Associada  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal  
[anasani@ufp.edu.pt](mailto:anasani@ufp.edu.pt)

**Madalena Sofia Oliveira**

Mestre Assistente  
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais  
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal  
[madalena@ufp.edu.pt](mailto:madalena@ufp.edu.pt)

**RESUMO**

Para avaliar as crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal realizamos um estudo quantitativo com 522 estudantes do ensino secundário do Norte e Centro de Portugal, de ambos os géneros e com idades entre os 15 e os 19 anos. Os dados recolhidos através da Escala de Crenças da Criança sobre a Violência revelaram que os argumentos legitimadores dos actos violentos derivam de razões de ordem social, cultural, educacional, mas sobretudo individual. Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas para o total e em factores da ECCV em função do género e níveis etários.

**PALAVRAS-CHAVE**

Crenças, violência, adolescentes

**ABSTRACT**

To assess adolescents' beliefs about interpersonal violence we conducted a quantitative study of 522 high school students in northern Portugal, of both sexes and aged between 15 and 19 years old. Data collected through the Belief Scale of the Child on violence revealed that the arguments for legitimizing violent acts derived from social, cultural and educational reasons, but above all from individual reasons. There were significant differences in total and factors of ECCV gender and age levels.

**KEYWORDS**

Beliefs, violence, adolescents

## 1. INTRODUÇÃO

O fenómeno da violência encontra-se intimamente ligado às representações sociais, na medida em que estas condicionam positiva ou negativamente a sua percepção. A forma como cada pessoa interpreta os acontecimentos violentos depende da maneira como ela percebe a realidade envolvente, abarcando não só as suas experiências pessoais, mas também toda uma matriz social e cultural onde se encontra inserida (Ribeiro e Sani 178; Zulueta 176). Desta forma, o fenómeno da violência remete-nos para as noções de representação social, crenças, estereótipos e pré-conceitos, presentes na vida social de cada sujeito, bem como para as noções relativas à influência da produção cultural, dos hábitos e dos símbolos culturais na estruturação dessas mesmas representações (Porto 250).

As crenças sobre a violência poderão ter um papel preponderante na compreensão do fenómeno da violência nas relações interpessoais, pois podem ou não legitimar, estes comportamentos. A interpretação de determinada situação vai condicionar a maneira como o indivíduo age, daí a importância de perceber quais as crenças associadas à violência. É geralmente aceite que o elevado número de comportamentos violentos registados por jovens está relacionado com atitudes de aceitação da violência (Cauffman et al. 653). A legitimação quanto ao uso da violência pode conduzir à perpetuação e agravamento de comportamentos violentos nos relacionamentos entre os jovens, havendo reciprocidade de comportamentos e de atitudes (Machado, Matos e Moreira 73).

A banalização do fenómeno da violência é caracterizada, fundamentalmente, pela legitimação do uso da agressão, quer física quer simbólica, como meio de regulação ou resolução de conflitos de interesses (Guimarães e Campos 189). O período da adolescência é fulcral na interiorização de mensagens veiculadas quer pela família, quer pelos grupos sociais onde o jovem se insere, as quais muitas vezes apelam às diferenças de género (valorizando-se e privilegiando-se o poder patriarcal), num processo que contribui, largamente, para o recurso à violência nos relacionamentos íntimos (Nutt 121). Alguns estudos com esta população (por exemplo, Lavoie, Robitaille e Hébert 34; Oliveira 14; Ribeiro e Sani 180; Sebastião et al. 43) que indicam a presença de alguns mitos sobre a violência, formas tradicionais de a conceber e que tendem a minimizar a sua prevalência e os seus efeitos. Estes são, então, muitos dos argumentos que enquadram teoricamente e justificaram a realização do presente estudo.

## 2. O ESTUDO SOBRE CRENÇAS DE ADOLESCENTES SOBRE VIOLÊNCIA

### 2.1. OBJECTIVOS

Este estudo teve como objectivo geral contribuir para uma melhor compreensão das crenças dos adolescentes sobre a violência. Os objectivos específicos deste estudo são os seguintes: i) Caracterizar as crenças sobre a violência dos adolescentes que estudam no ensino secundário de instituições escolares nacionais; ii) Determinar quais os fundamentos mais comuns na determinação das crenças dos adolescentes; iii) Analisar se existem diferenças ao nível das crenças sobre a violência dos adolescentes em função do género;

## 2.2. MÉTODO

### 2.2.1. PARTICIPANTES

Este estudo integra 522 estudantes de escolas secundárias e profissionais do distrito do Porto (Gondomar, Maia, Matosinhos, Valongo, Vila Nova de Gaia e Porto), Viana do Castelo, Bragança, Vila Real e Aveiro. Em termos de distribuição por género destaca-se a participação de 272 rapazes (52,1%) e 250 raparigas (47,9%), com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos de idade, sendo a média etária de 17,23, com um desvio padrão de 1,27. Dos 522 sujeitos que integraram a amostra, 175 frequentam o 10.º ano (33,5%), 174 frequentam o 11.º ano (33,3%) e 173 frequentam o 12.º ano de escolaridade (33,1%).

### 2.1.2. INSTRUMENTO

Para a realização deste estudo foi utilizada a Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (ECCV), construída e validada por Sani em 2003 para crianças e jovens portugueses com idade entre os dez anos e os 18 anos. Este instrumento permite avaliar algumas das crenças que os sujeitos possuem em relação à violência interpessoal, independentemente das situações retratadas fazerem ou não parte das vidas dos sujeitos. Os itens desta escala retratam essencialmente as tipologias de violência física e psicológica, comumente identificados e relatados pelas vítimas e público em geral. Cada item da escala representa uma ideia ou crença relativamente ao fenómeno da violência existindo para cada um hipóteses de resposta apresentadas num formato tipo *Likert*, com quatro opções, definidas como 1 – não concordo, 2 – concordo pouco, 3 – concordo e 4 – concordo muito. No geral os itens estão orientados desde crenças menos irracionais (1) a mais irracionais (4), à excepção de três itens (3, 27, 32) nos quais a cotação se inverte, alterando assim a sua interpretação.

As análises estatísticas à ECCV revelaram um *alpha* de Cronbach de .86 e diferenciaram quatro factores, os quais isoladamente têm também uma estrutura consistente com valores de *alpha* que oscilam entre .54 e .77. Os factores desta escala designam-se da seguinte forma: a) determinantes sócio culturais (abrange as diferenças históricas e culturais que podem originar violência; engloba a discriminação relativa à idade e ao género), b) determinantes individuais (integra a diversidade de razões pessoais que podem servir de fundamento e desculpabilização para o exercício de violência entre indivíduos), c) determinantes educacionais (remete para a ideia de que a violência justifica-se quando utilizada para punir e educar), d) etiologia da violência (integra as crenças sobre a origem da violência adoptando um fundamento biológico: a ideia de que a violência é inata e não adquirida e fundamento psicossocial: como há igualdade psicológica e social a violência não resulta das diferenças entre os indivíduos) (Sani 923-25).

Prévio ao estudo foram reexaminadas as qualidades psicométricas da ECCV para a presente amostra tendo os resultados revelado um *alpha* de Cronbach de .84 e replicada teoricamente a estrutura factorial supracitada.

A pontuação total mínima é 32 e a máxima é 128. Uma pontuação alta significa que a criança possui ideias congruentes com as afirmações que cada item apresenta, ou seja, quanto maior o grau de concordância com as alíneas, maior é a tendência do sujeito para apresentar crenças erróneas.

## 2.2.3. PROCEDIMENTOS

Para a elaboração do presente estudo houve necessidade de formalizar um requerimento à Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), bem como às escolas pertencente ao distrito de Aveiro, onde constava os objectivos da investigação, os instrumentos a utilizar, assegurando a confidencialidade de todos os resultados que se viessem a obter. Após a autorização para a recolha dos dados por parte da DREN foi solicitado consentimento à direcção das escolas, bem como informações sobre o horário dos alunos e disponibilidade dos docentes. Para assegurar o normal funcionamento das aulas, acordamos com os docentes procedimentos a serem adoptados para a aplicação dos instrumentos. O critério utilizado para a composição da nossa amostra teve por base a amostragem aleatória dentro das escolas seleccionadas, tendo o cuidado de distribuir de acordo com o género, idade e ano de escolaridade. A recolha dos dados decorreu entre Janeiro de 2008 e Junho de 2009. Os participantes tiveram conhecimento dos objectivos da investigação, sendo-lhes garantido o anonimato e a livre opção quanto à não participação. Seguidamente procedeu-se à leitura do instrumento em voz alta, seguindo-se um eventual esclarecimento de dúvidas e por fim o preenchimento individual do questionário. É importante salientar que todos os estudantes tiveram uma participação voluntária e deram o seu consentimento informado.

Os dados recolhidos foram introduzidos numa base de dados com vista a um tratamento estatístico com o apoio do programa informático *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 17.0, para o Windows.

## 2.3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados que serão apresentados de seguida, referem-se ao tratamento estatístico efectuado, sendo elaboradas dois tipos de análises: análise descritiva para verificar frequências percentuais relativas aos dados recolhidos para os diversos itens da escala e análise diferencial para verificar se há diferenças nos resultados em função das variáveis independentes previamente definidas.

### 2.3.1. ANÁLISES DESCRITIVAS

Numa análise descritiva à tabela 1 concluímos que relativamente ao factor 1 os valores percentuais destacam-se para todos os itens em torno da opção de resposta “não concordo,” o que reflecte um nível de crenças ajustado face às afirmações de fundamento sociocultural. São disso exemplo o item 25 “As mulheres têm direitos diferentes dos homens e por isso mais vale aguentar a violência” que obteve valores de concordância de 6,3%; o item 29 “Os homens têm mais direito de bater nos outros do que as mulheres” com 9,4% dos jovens a concordarem ou o item 26 “As crianças têm direitos diferentes dos adultos e por isso mais vale não contar que são maltratadas” com valores de 8,6% de concordância global. Não obstante tais resultados, o item 13 “A violência entre crianças não passa de brincadeira” teve um nível de concordância de 47,7%, o item 28 “A violência é um método que tenta resolver um problema” teve um nível de concordância de 32,4% dos sujeitos e o item 7 “Só controla a violência quem a exerce, os outros nada podem fazer” teve um nível de concordância de 28,7% na nossa amostra.

O factor individual ainda é muito utilizado para legitimar a violência, o item 9 "O álcool é responsável pela violência das pessoas" teve um nível de concordância de 81,2% dos adolescentes, no entanto só 15,9% dos mesmos pontuaram 4 (concordo muito). O item 1 "Para uma pessoa magoar outra tem que haver um motivo" teve um nível de concordância de quase três quartos da nossa amostra (74,3%), sendo que destes sujeitos a maioria pontuou 3 (concordo) e 4 (concordo muito). O item 2 "Quando se bate em alguém é porque essa pessoa fez algo de errado" obteve a concordância de 64,9% dos adolescentes, no entanto 27,4% dos sujeitos concordaram pouco. O item "As pessoas violentas são doentes da cabeça e não sabem o que fazem" obteve a concordância de 57,3% da amostra e só 14% concordaram muito. O item 5 "É porque se confia nas pessoas que estas abusam ou magoam outras" teve um nível de concordância de 57,3% da amostra, no entanto só uma pequena parte (8,2%) dessa amostra concordou muito.

No factor educativo a grande maioria dos sujeitos discordam de todos os itens, excepto do item 30 "Quando os pais batem nos filhos é para eles se corrigirem". Este item apresenta uma distribuição mais repartida pelas diversas possibilidades de resposta, com 47,1% dos adolescentes a discordarem da afirmação, 36,8% a concordarem pouco, 13% a concordarem e 3,1% a concordarem muito, o que perfaz um total de 52,9% de adolescentes a concordarem com a afirmação.

Para o factor etiologia da violência 68% dos adolescentes concordaram com o item 3 "A violência tem a ver com o querer exercer controlo". O item 27 "A violência é algo que se aprende" apresenta um nível de concordância de 48,9% e só 5% dos sujeitos concordam muito com a afirmação. O item 32 "A violência tem a ver com o poder ou desigualdade" esteve perto de conseguir a concordância da maioria dos sujeitos, uma vez que 45,2% concordou. O item 27 e 32 indicam que a maioria da nossa amostra discorda que estes dois argumentos estejam na origem do aparecimento de comportamentos violentos.

Podemos concluir que para todas as afirmações existe uma grande variedade de respostas que vão desde não concordo (1) a concordo muito (4). No entanto, a maioria dos sujeitos justifica os seus actos violentos em determinantes individuais, na medida em que mais pontuam, de forma tendencialmente errónea, no factor 2. Destaque também para o facto da violência entre crianças não ser tida com grande preocupação, sendo por vezes assumida como uma brincadeira, assim como é relevante a percentagem dos que não consideram que a violência é aprendida, quando a sua origem pode estar na modelagem de comportamentos.

Tabela 1. Crenças dos adolescentes sobre a violência (n=522)

	Escala de Crenças da Criança sobre a Violência	Não Concordo (%)	Concordo Pouco (%)	Concordo (%)	Concordo Completamente (%)
Determinantes Socioculturais	7. Só controla a violência quem a exerce, os outros nada podem fazer	71,3	18,0	8,0	2,7
	11. A violência entre dois adultos é normal e aceitável	89,3	7,9	2,1	,8
	13. A violência entre crianças não passa de brincadeira	52,3	37,2	8,6	1,9
	14. Só conseguimos lidar com a violência se formos violentos também	80,8	12,3	5,7	1,1
	21. A violência não pode ser controlada	79,1	15,7	3,1	2,1
	23. É mais grave uma mulher bater num homem do que um homem bater numa mulher	86,4	7,9	3,1	2,7
	24. É mais grave uma criança bater num adulto do que um adulto bater numa criança	76,2	11,3	8,8	3,6
	25. As mulheres têm direitos diferentes dos homens e por isso mais vale aguentar a violência	93,7	4,2	1,5	,6
	26. As crianças têm direitos diferentes dos adultos e por isso mais vale não contar que são maltratadas	91,4	5,4	1,9	1,3
	28. A violência é um método que tenta resolver um problema	67,6	20,9	9,0	2,5
Determinantes Individuais	29. Os homens têm mais direito de bater nos outros do que as mulheres	90,6	6,5	2,1	,8
	1. Para uma pessoa magoar outra tem que haver um motivo	25,7	15,7	29,7	28,9
	2. Quando se bate em alguém é porque essa pessoa fez algo de errado	35,1	27,4	22,6	14,9
	5. É porque se confia nas pessoas que estas abusam ou magoam outras	45,8	27,4	18,6	8,2
	6. A violência deve ser uma preocupação somente para quem é violento	69,2	18,4	7,5	5,0
	8. As pessoas violentas são doentes da cabeça e não sabem o que fazem	42,7	26,1	17,2	14,0
	9. O álcool é responsável pela violência das pessoas	18,8	34,1	31,2	15,9
	10. Quem se droga não tem culpa de ser violento	73,4	18,2	5,4	3,1
	15. A violência está ligada a relacionamentos pouco afectivos entre as pessoas	42,9	27,4	23,2	6,5
	16. A violência sobre pessoas é sobretudo cometida por estranhos	60,2	28,2	9,6	2,1
Determin. Educativos	19. Quando a violência ocorre dentro de casa é dentro de casa que tem que ser resolvida. Ninguém deve meter-se	61,9	22,4	7,9	7,9
	20. Só quando a violência ocorre na rua ou noutros sítios públicos devemos meter-nos para acabar com a situação	53,6	24,5	13,6	8,2
	22. As pessoas que são maltratadas e não pedem ajuda é porque não se importam de apanhar	78,9	13,0	4,6	3,4
	4. As pessoas da família (ex: pais) têm direito de bater ou tratar mal	87,0	11,1	1,1	,8
	12. Um adulto (ex: pai, professor) tem direito a magoar uma criança para a educar	84,3	12,5	2,9	,4
	17. Um pai ou uma mãe têm direito a tratar mal o seu filho, porque eles é que mandam em casa	88,5	8,6	2,7	,2
Etiol.	18. Quem cuida (ex: pais) têm todo o direito de bater	81,4	14,8	3,1	,8
	30. Quando os pais batem nos filhos é para eles se corrigirem	47,1	36,8	13,0	3,1
	31. As pessoas merecem apanhar para aprenderem	77,2	18,6	3,1	1,1
	3. A violência tem a ver com o querer exercer controlo	32,0	21,8	25,7	20,5
	27. A violência é algo que se aprende	51,1	22,4	21,5	5,0
	32. A violência tem a ver com poder ou desigualdade	54,8	23,0	14,8	7,5

### 2.3.1. ANÁLISES DIFERENCIAIS

Pela observação da tabela 2 verifica-se que as diferenças são estatisticamente significativas para  $p < .001$  para o total da ECCV, assim como para o Factor 1, Factor 2 e Factor 3. Os resultados mostram assim que há diferenças quanto às crenças sobre a violência entre rapazes e raparigas, revelando que os sujeitos do género masculino, no geral, apresentam mais ideias distorcidas relativamente ao fenómeno da violência interpessoal. Os valores do desvio padrão são também eles maiores no género masculino do que no feminino, o que evidencia igualmente maiores níveis de dispersão dos resultados no ECCV. Relativamente ao Factor 4 as diferenças observadas não são estatisticamente significativas ( $p > .05$ ).

**Tabela 2.** Teste T Student para amostras independentes relativos ao total e factores da ECCV em função do género

	Grupos	n	Média	D.P.	t	g.l.	p
<b>Total ECCV</b>	Masculino	272	52.11	11.40	5.136	494.281	.000*
	Feminino	250	47.66	8.28			
<b>Factor 1</b> <b>Determ. Socioculturais</b>	Masculino	272	14.91	4.19	5.005	489.295	.000*
	Feminino	250	13.33	2.97			
<b>Factor 2</b> <b>Determ. Individuais</b>	Masculino	272	22.96	5.55	3.586	516.227	.000*
	Feminino	250	21.36	4.68			
<b>Factor 3</b> <b>Determ. Educativos</b>	Masculino	272	8.21	2.64	5.103	478.898	.000*
	Feminino	250	7.21	1.79			
<b>Factor 4</b> <b>Etiologia da violência</b>	Masculino	272	6.03	2.20	1.426	520	.154
	Feminino	250	5.76	2.04			

\* $p < .001$

Na tabela 3 compara-se os resultados obtidos nos diversos factores da ECCV para os diferentes escalões etários com objectivo de verificar se há diferenças entre si. A análise revela que existem diferenças estatisticamente significativas para o Factor 2 – Determinantes Individuais ( $p \leq .001$ ) e para o Total ECCV ( $p < .05$ ). Através do teste de *Scheffe* foi possível através da comparação múltipla dos cinco escalões etários (dois a dois) verificar a existência de diferenças entre médias somente entre o grupo de alunos de 16 e 17 anos ( $p = .002$ ).



**Tabela 3.** *Anova One Way* para testar diferença de médias no total e factores da ECCV em função da idade

	Grupos		n	Média	D.P.	F	p	Scheffe
Total ECCV	G1	15 Anos	60	50.13	9.5	3.157	.014*	G2 > G3
	G2	16 Anos	94	52.61	10.5			
	G3	17 Anos	135	47.86	10			
	G4	18 Anos	134	50.49	10.7			
	G5	19 Anos	99	49.58	9.8			
Factor 1 Determ. Socioculturais	G1	15 Anos	60	13.87	3.8	1.435	.221	n.s.
	G2	16 Anos	94	14.88	3.9			
	G3	17 Anos	135	13.75	3.6			
	G4	18 Anos	134	14.26	3.9			
	G5	19 Anos	99	14.05	3.4			
Factor 2 Determ. Individuais	G1	15 Anos	60	22.62	4.6	4.553	.001**	G2 > G3
	G2	16 Anos	94	23.67	5.6			
	G3	17 Anos	135	20.81	5.0			
	G4	18 Anos	134	22.40	5.2			
	G5	19 Anos	99	22.14	5.0			
Factor 3 Determ. Educativos	G1	15 Anos	60	7.68	2.5	0.524	.718	n.s.
	G2	16 Anos	94	7.94	2.3			
	G3	17 Anos	135	7.51	2.0			
	G4	18 Anos	134	7.77	2.4			
	G5	19 Anos	99	7.81	2.6			
Factor 4 Etiologia da violência	G1	15 Anos	60	5.97	2.3	1.108	.352	n.s.
	G2	16 Anos	94	6.12	2.0			
	G3	17 Anos	135	5.79	2.1			
	G4	18 Anos	134	6.06	2.2			
	G5	19 Anos	99	5.58	2.0			

\*p&lt;.05

\*\* p&lt;.001

## 2.4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo os resultados mostram que os adolescentes adoptam menos os justificativos de ordem sociocultural, uma vez que discordaram da maioria dos itens que descreviam factores dessa natureza como determinantes da violência interpessoal. Por exemplo, as afirmações que têm subjacentes a legitimação da violência pelo controlo e poder masculino e submissão feminina tiveram alto nível de discordância, contrariando assim as concepções tradicionais relativamente ao género. Tal aspecto é de particular relevância uma vez que, sendo reconhecido que as representações que elaboramos relativamente à violência (Porto 264) podem legitimar ou não o uso ou até a permissividade de comportamentos violentos nos relacionamentos (Machado, Matos e Moreira 73), isto pode constituir um sinal positivo e um bom ponto de partida para desconstrução e debate acerca da não aceitabilidade da violência interpessoal.

Heise (142) e Machado, Matos e Moreira (76) defendem que a preservação da privacidade familiar é uma das crenças legitimadoras da violência. Neste estudo verificamos que 38,1% dos adolescentes admitem algum grau de concordância com a ideia de que “Quando a violência

ocorre dentro de casa é dentro de casa que tem que ser resolvida. Ninguém deve meter-se,” sendo essa percentagem reforçada pelos valores de concordância de 46,4% na afirmação “Só quando a violência ocorre na rua ou noutros sítios públicos devemos meter-nos para acabar com a situação”. Levar uma vida sem violência é direito de todos e a todos compete dizer ‘não’ à violência, pelo que devemos envolver-nos nesta questão porque a violência não é um assunto privado e achar que é ou ser tolerante abre caminho à discriminação (Sani 70).

O uso de álcool enunciado na literatura como um factor de risco de predisposição a comportamentos violentos (é apontando por 81,2% dos adolescentes como causa da violência, sendo esta uma crença errónea que fortemente se destaca entre os resultados apurados nesta investigação. Esta crença de que a violência se pode dever a causas externas e fora do controlo do agressor (por exemplo, álcool e drogas) (Heise, 142; Machado, Matos e Moreira 76) deturpam fortemente as concepções quanto à etiologia do problema.

A legitimação do uso da agressão como meio de regulação ou resolução de conflitos de interesses (Guimarães e Campos 189) e mesmo como método legítimo de educação através de castigos corporais (Canha 20) encontra-se ainda bastante arraigada na nossa sociedade, reflectindo os valores vigentes. No nosso estudo verificamos que 84,3% dos adolescentes discordaram da afirmação “um adulto (por exemplo, pai, professor) tem o direito a magoar uma criança para a educar,” não obstante haver 52,9% dos adolescentes que assumem posição concordante com a afirmação “os pais batem nos filhos para eles se corrigirem,” o que revela que embora não aceite há em muitas circunstâncias uma certa tolerabilidade pelo uso de práticas de disciplina punitiva.

No geral o género masculino apresenta crenças mais erróneas relativamente à violência interpessoal. A nível etário as análises só revelaram diferenças estatisticamente significativas para as determinantes individuais e para o total de ECCV entre o grupo de alunos de 16 e 17 anos. Alguns estudos anteriores têm apontando a possível influência de variáveis de ordem individual ao nível das representações sobre a violência (Ribeiro e Sani, 183), todavia a forma como essa influência se estabelece ainda não está totalmente clarificada.

### 3. CONCLUSÃO

Podemos verificar que muitos dos argumentos legitimadores dos actos violentos derivam de razões de ordem social, cultural, individual e educacional. A legitimação da violência com base em discriminação de género não se verifica nesta amostra de adolescentes. Não significa que razões culturais não fundamentem as crenças destes jovens, mas são sobretudo determinantes individuais os que maior aceitação tem na explicação da violência interpessoal. A crença de que a violência se deve a causas externas e fora do controlo do agressor (por exemplo, álcool) ainda se encontra muito enraizada na nossa sociedade e isso transparece na amostra deste estudo. Os adolescentes deste estudo ficaram muito divididos com a ideia de que a violência é algo que se aprende. Menos de metade dos jovens é que concordam que o comportamento do indivíduo sofre influência do ambiente, especialmente proveniente do ambiente familiar, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coacção.

A tolerância social presente em diversos contextos, como a família ou escola, quanto ao uso da violência, não deixa de estar associada, frequentemente, à legitimação de comportamentos, muitas vezes erroneamente pensados, como modos de demonstração de afecto nos

relacionamentos ou de cuidado parental. A desconstrução de tais concepções constitui um passo importante, senão o primeiro, na modificação individual de condutas pautadas pela violência nas relações interpessoais. Neste sentido os resultados deste estudo poderão contribuir e apoiar a realização de debates e programas de prevenção da violência que incluam a modificação de crenças errôneas, de modo a atenuar a violência interpessoal. As intervenções que diminuam a tolerância à violência, por exemplo através de programas escolares que abram a discussão a esta problemática ou que promovam o ensino de estratégias não violentas de resolução de conflitos, podem constituir importantes passos no sentido da prevenção primária da violência.

## BIBLIOGRAFIA

Canha, Jeni. "A criança vítima de violência". *Violência e vítimas de crime*. Vol. 2 - Crianças. Ed. Carla Machado e Rui Gonçalves. Coimbra: Quarteto Editora, 2002. 13-36.

Cauffman, Elizabeth, et al. "The (Un)acceptability of Violence Against Peers and Dates". *Journal of Adolescent Research* .15 (2000): 652-73.

Guimarães, Sílvia P, e Pedro Campos. "Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes". *Psicologia: reflexão e crítica* 20.2 (2007): 188-96.

Heise, Lori. "Gender-Based Abuse: the Global Epidemic". *Cadernos de saúde pública* 10.1 (1994): 135-45.

Lavoie, Francine, Line Robitaille, e Martine Hébert. "Teen Dating Relationships and Aggression". *Violence Against Women* .6 (2000): 6-36.

Leonard, Kenneth. "Alcohol Use and Husband Marital Aggression Among Newlywed Couples". *Violence in Intimate Relationships*. Ed. Ximena Arriaga e Stuart Oskamp. London: Sage Publications, 1999. 113-35.

Machado, Carla, Marlene Matos, e Ana I. Moreira. "Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária". *Psychologica* .33 (2003): 69-83.

Nutt, Roberta. "Women's Gender-Role Socialization, Gender-Role Conflict, and Abuse: A Review of Predisposing Factors". *What Causes Men's Violence Against Women?* Ed. Michèle Harway e James O'Neil. Thousand Oaks CA: Sage Publications, 1999. 117-34.

Oliveira, Madalena S. *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Diss. Mestrado. U Porto, 2009.

Porto, Maria S. "Crenças, valores e representações sociais da violência". *Sociologias* .16 (2006): 250-73.

Ribeiro, Conceição, e Ana I. Sani. "As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal". *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Fernando Pessoa* .5 (2008): 176-86.

Sani, Ana I. *As crianças e a violência. Narrativas de crianças vítimas e testemunhas de crimes*. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.

---. "Escala de Crenças da Criança sobre a Violência (ECCV)". *Actas XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: formas e contextos*. Ed. Carla Machado et al. Braga: Psiquilibrios, 2006. 917-26.

---. "Violence in society and social responsibility". *Actas do Cidadania(s) – Congresso Internacional sobre Discursos e Práticas*. Ed. Teresa Toldy, Cláudia Ramos e Sérgio Lira. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2007. 69-72.

Sebastião, João, et al. *Escola e violência: conceitos, políticas, quotidianos. Relatório de pesquisa*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, 2004.

Zulueta, Felicity. "Theories of Aggression and Violence". *Forensic Psychotherapy. Crime, Psychodynamics and the Offender Patient*. Vol. I. Ed. Christopher Cordess e Murray Cox. London: Jessica Kingsley Publishers, 1996. 175-86.